

## A SOCIEDADE MEDIEVAL SICILIANA NA POESIA “IL CONTRASTO”, DE CIELO D’ALCAMO

Rafael Vidal dos Reis<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo, intitulado **A sociedade medieval siciliana na poesia “Il Contrasto”, de Cielo D’Alcamo**, refere-se ao estudo da sociedade siciliana no Século XIII a partir das marcas literárias árabes na poesia desse poeta siciliano. O objetivo desse artigo é descrever a sociedade siciliana no reinado de Frederico II de Hohenstaufen, na primeira metade do Séc. XIII.

**Palavras-chave:** Literatura siciliana; Literatura Comparada; Cielo D’Alcamo; Poesia; Frederico II de Hohenstaufen.

**SOMMARIO:** Il presente articolo scientifico, intitolato **La Società siciliana del medioevo nella poesia il Contrasto di Cielo D’Alcamo** si riferisce alla ricerca sulla società siciliana nel XIII Secolo attraverso delle marche letterarie arabe nella poesia di questo poeta siciliano. L’obiettivo di questo studio è descrivere la società siciliana nel regno di Federico II di Hohenstaufen nella prima metà del tredicesimo Secolo.

**Parole-Chiavi:** Letteratura Siciliana; Letteratura Comparata; Cielo D’Alcamo; Poesia; Federico II di Hohenstaufen.

### Introdução

O presente artigo, intitulado **A sociedade medieval siciliana na poesia “Il Contrasto”<sup>2</sup>, de Cielo D’Alcamo**, refere-se ao estudo da sociedade siciliana no Século XIII a partir das marcas literárias árabes na poesia desse poeta siciliano. O objetivo desse artigo é descrever a sociedade siciliana durante o reinado de Frederico II de Hohenstaufen<sup>3</sup>, na primeira metade do Séc. XIII, em que Cielo D’Alcamo escreveu o seu livro de poesia nomeado de **Il Contrasto**. A poesia de D’Alcamo tivera o objetivo de descrever e narrar a então miscigenada sociedade do reino da Sicília, descrita por Kantorowicz (1957) como a

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Bolsista da CAPES; Licenciado em Letras: Português e Italiano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ. E-mail: ra\_fa\_vidal@hotmail.com.

<sup>2</sup> A poesia **Il Contrasto** também é conhecida pela crítica literária como **Rosa Fresca Aulentissima**, por ser o primeiro verso declamado por D’Alcamo na poesia.

<sup>3</sup> Hohenstaufen foi uma importante família nobre da Suábia, região do sudoeste da Alemanha. A casa de Hohenstaufen fora de uma importante linhagem de príncipes suábios que, nos Séculos XII e XIII, se tornaram imperadores do Sacro Império Romano-Germânico e Reis da Sicília.

primeira sociedade laica do continente europeu. O período histórico é revisitado pela crítica literária devido ao processo de miscigenação do reino da Sicília e ao financiamento, por parte do rei e imperador Frederico II, da produção literária de Cielo D'Alcamo, assim como de todos os poetas da *Scuola Siciliana* (primeiro movimento literário da literatura italiana). A *Scuola Siciliana* representa o nascimento da literatura italiana, de acordo com Francesco De Sanctis (2015) e Michele Amari (1854). O teórico oitocentista Amari (1854) apresenta, em seus estudos sobre interculturalidade, a herança deixada pelos árabes na Sicília. Esse povo semita, ao longo do Século IX ao Século XIII, ajudou a constituir a identidade siciliana juntamente com os latinos, gregos, judeus, normandos e germânicos, povos que se miscigenaram e constituíram o que conhecemos como siciliano.

### 1. As diversas colonizações na Sicília

Antes de iniciar a descrição da sociedade medieval siciliana na poesia **II Contrasto** de D'Alcamo, é importante falar sobre os povos que colonizaram a Sicília antes do período histórico do reinado de Frederico II, Rei da Sicília e Imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Antes do reinado de Frederico II, período histórico estudado no presente artigo, a atual região da Sicília fora colonizada por outros povos de diferentes etnias. A colonização na Sicília iniciou-se no Século VIII a. C com o povo grego, ficando conhecida como *Magna Grécia*. Já a partir do Século V a. C até o Século III a. C, essa região fora de domínio da civilização cartaginesa<sup>4</sup>. Ao fim da primeira guerra púnica, a ilha da Sicília tornou-se uma das províncias romanas. Na Idade Média<sup>5</sup>, entre mais ou menos 440-493, de acordo com Amari (1854), a Sicília passou a pertencer ao povo vândalo<sup>6</sup> por motivo das inúmeras invasões ao

---

<sup>4</sup>A civilização cartaginesa ou civilização púnica foi uma civilização da Antiguidade fundada pelo povo fenício, originário de Canaã-Israel, pertencente ao grupo ou família canaanita, que se desenvolveu na Bacia do Mediterrâneo entre o fim do Século IX a. C e meados do Século II a. C e rivalizou com a maior potência da época, o Império Romano.

<sup>5</sup>Idade Média é um período histórico da Europa entre os Séculos V e XV. Inicia-se com a queda do Império Romano do Ocidente e termina no final de 1453 com o Renascimento e o Humanismo.

<sup>6</sup>Os vândalos eram uma tribo de origem germânica que se expandiu pela Península Ibérica, ao norte da África e no Império Romano, no Século V a.C.

Império Romano do Ocidente<sup>7</sup>, marcando na historiografia a queda deste império para os chamados povos bárbaros<sup>8</sup>.

No ano de 493, a Sicília passa novamente por um período de invasões, em que houvera o domínio Ostrogodo, no período de 493-555 d.C. No Século VI d. C, a história da Sicília começa a ser escrita na historiografia, isto é, começa a ser documentada pelos historiadores a partir da conquista bizantina, em 535 d.C. Com a conquista bizantina, iniciou-se uma nova colonização grega na Sicília, ou seja, uma colonização oriental<sup>9</sup> nesta região do Mediterrâneo. A colonização bizantina foi marcada por duas marcas difusoras da miscigenação na Sicília: a língua grega e a arquitetura, correspondente aos templos religiosos da Antiguidade e do Cristianismo Ortodoxo. Os gregos, por meio dos bizantinos, foram os primeiros povos a compor a miscigenação com os árabes, latinos, normandos, judeus e germânicos, os quais contribuíram para a formação e a identidade do povo siciliano.

## **2. A colonização árabe na Sicília e o nascimento da *Letteratura Italiana***

No ano de 720, os árabes, que se originaram na atual Tunísia, iniciaram as invasões à Sicília e, no ano de 827, Século IX, conquistaram a cidade de Siracusa<sup>10</sup>, iniciando a colonização nesse território do Mediterrâneo, segundo o estudioso Michele Amari (1854). A colonização árabe perdurou por dois séculos na Sicília, entretanto, é notável dizer que, ao longo desses dois séculos, o chamado Emirado da Sicília deu inúmeras contribuições à sociedade siciliana. As contribuições se deram nas áreas da ciência, da literatura e da arte. Amari (1854) fala da grande contribuição do poeta árabe-siciliano, Ibn Hamdis, considerado o maior poeta nos tempos de dominação árabe na Sicília. Ibn Hamdis é o grande precursor e contribuidor dos poetas sicilianos, como Giacomo Da Lentini, Pier delle Vigne, Stefano

---

<sup>7</sup> Império Romano do Ocidente era a parte ocidental do antigo Império Romano, configurando a metade desse poderoso império, mas, após a sua divisão por Deocleciano, em 286 d. C, passaram a existir dois impérios: Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente.

<sup>8</sup> Os povos bárbaros eram todos os povos não pertencentes à cultura greco-romana, de acordo com De Mauro (1991).

<sup>9</sup> Os gregos são considerados orientais, na visão de Amari (1854), devido à sua orientalização por parte da Igreja Católica Ortodoxa e do Império Bizantino.

<sup>10</sup> A cidade de Siracusa, localizada na Sicília, tornou-se a primeira cidade a ser conquistada pelos árabes-berbere, povo originário da região do Magrebe, no norte da África. A posição geográfica de Siracusa possibilitou a constituição rapidamente de uma colônia árabe depois da conquista da cidade sobre os bizantinos, principalmente por causa do seu porto e da aproximação com o califado árabe ao norte da África e com a Espanha muçulmana, localizada ao sul da península ibérica.

Pronotaro, Rinaldo D'Aquino, Giacomino Pugliese e Guido Delle Colonne. Os seis poetas descritos acima, além de Cielo D'Alcamo, formaram a *Scuola Siciliana*, que marca o nascimento da literatura italiana na região da Sicília, um século após a queda do Emirado da Sicília e a posterior ascensão do Reino Normando, da dinastia de Altavilla, iniciada pelo Conde Rogério I<sup>11</sup>. Da *Scuola Siciliana*, surgiu a *Letteratura Volgare* ou Lírica Vulgar Siciliana<sup>12</sup>. Esses poetas receberam as contribuições de Ibn Hamdis e da literatura árabe clássica através da poesia amorosa, fazendo desse gênero literário o início da renomada literatura e cultura italiana.

Além de Giacomo Da Lentini, Guido Colonne e dos demais poetas descritos acima, o poeta Cielo D'Alcamo compôs o grupo de poetas da *Scuola Siciliana*, primeira escola literária da literatura italiana, na qual os poetas da corte de Frederico II passaram a ser chamados de *Siciliani*<sup>13</sup> pela crítica de Francesco De Sanctis (2015), primeiro teórico a reconhecer a Sicília como local do nascimento da literatura nacional italiana e nomeou esses poetas por pertencerem a essa escola literária. O livro **Storia Della Letteratura Italiana**<sup>14</sup> só foi escrito no Século XIX, após a unificação do Estado Nacional Italiano em 1866. Antes dessa época não havia o reconhecimento da literatura italiana, mas de literaturas regionais, como siciliana, toscana, úmbria e etc, todavia essas literaturas regionais estavam em alta produção a mando do Estado Pontífice, dos ducados, dos marquesados e dos condados, que poderiam ou não estar na condição de vassalos do Sacro Império Romano-Germânico, do Reino da França ou do Reino da Espanha.

A *Scuola Siciliana* tem um papel central no fluxo da literatura italiana, em vista da transformação literária que ela acrescentou à Itália, em virtude do processo literário ter iniciado a partir da oralidade com os poetas sicilianos, na qual teóricos como Guisan (2009) defendem que esse processo de oralidade é chamado de *oratura*<sup>15</sup>, ou seja, a transcrição de

---

<sup>11</sup> Rogério é o nome traduzido para o português do italiano Ruggero. Rogério foi o primeiro nobre da dinastia de Altavilla a governar a Sicília.

<sup>12</sup> O termo *Letteratura Volgare* ou Lírica Vulgar Siciliana foi estabelecido pelo teórico Francesco De Sanctis (2015), referindo-se à produção literária da *Scuola Siciliana*, na qual os textos passaram a ser escritos em vulgar siciliano, que adquiriu *status* de língua literária, e já não mais em latim.

<sup>13</sup> *Siciliani* significa sicilianos e, desta palavra, originou-se o termo usado em relação aos primeiros poetas da literatura italiana, elaborado por Francesco De Sanctis, no Séc. XIX.

<sup>14</sup> O livro **Storia Della Letteratura Italiana** foi escrito por Francesco De Sanctis (2015).

<sup>15</sup> Guisan (2009, p. 22) defende que a *oratura* é o termo ideal para a literatura oral, conforme a necessidade da escrita. Ele diz em sua teoria a obrigatoriedade da escrita para que exista a literatura, em vista do termo

uma língua vulgar. Guisan defende que essa língua vulgar, o vulgar siciliano, antes de ser elevado a língua de corte ou *nova koiné*<sup>16</sup> era utilizado apenas de forma oral, fazendo com que os poetas apenas declamassem as suas poesias, copiando os poetas gregos da Idade Antiga. A teórica Ellen Constans (2004) classifica a *oratura*, termo utilizado por Guisan, como literatura popular antiga ou paraliteratura, em razão desse gênero literário vir de uma origem popular e ter a sua aplicabilidade na oralidade. A teoria de Guisan (2009) e de Constans (2004) dialogam de acordo com a historiografia, dado que a literatura tem a escrita como base na Idade Média e é restrita à nobreza e ao Clero. Ambos os teóricos vão negar que essa oralização das poesias seja a alta literatura e podemos comparar a literatura latina, grega ou árabe, nas quais essas literaturas/altas literaturas apresentam uma uniformização da escrita e a rigidez das métricas para a composição da poesia.

A poesia de Cielo D'Alcamo está atrelada à teoria de Guisan e Constans, de forma que o pedido do rei Frederico II da Sicília fez com que D'Alcamo elevasse o vulgar siciliano a uma *nova koiné*, no Século XIII, nas décadas de 30 e 40. O rei Frederico II pede a Cielo D'Alcamo que descreva em suas poesias a miscigenação da sociedade siciliana, mas, para que esse objetivo fosse alcançado, o vulgar siciliano deveria se tornar uma língua de cultura, por isso, o poeta siciliano se baseou no modelo latino, principalmente na formulação da sintaxe do vulgar siciliano, elevando à língua de corte. Entretanto, Dante Alighieri, em seu tratado lingüístico **De Vulgari Eloquentia**, nega que a produção de D'Alcamo tenha sido escrita em vulgar siciliano ilustre (*Nova koiné*). Na teoria de Frederico II, essa língua deveria ser bela e refinada como o latim, por essa razão, o modelo a ser copiado era a língua latina por causa da aproximação geográfica do Reino da Sicília com Roma, pela alta tradição e difusão da língua latina.

Podemos confirmar que, antes da uniformização da escrita pelos integrantes da *Scuola Siciliana*, o que existia era uma produção oral que teóricos como Guisan (2009) nomeiam de *oratura* e Constans (2004) intitula de paraliteratura/literatura popular, uma vez que a produção literária ficava restrita à declamação (oralidade), não tendo a escrita como base do

---

literatura vir de *littera*, termo latino correspondente a escrita ou o ato de escrever. Não pode haver literatura sem escrita, por isso, Guisan defende que a oralidade dentro da literatura sem o apoio da escrita é *oratura*.

<sup>16</sup> Língua de Corte ou *Nova Koiné*, termos utilizados para designar à evolução de uma língua vulgar a condição de língua escrita, é o que os linguistas chamam de língua de cultura. O termo língua de cultura remete a uma língua literária, a uma língua de prestígio, como o Latim.

processo de normatização linguística. O poeta Cielo D'Alcamo, diferentemente dos demais poetas sicilianos, manteve traços orais do vulgar siciliano nas suas poesias, contrariando o uso do vulgar siciliano ilustre (língua literária), na visão de Alighieri (1997, p. 9). Com isso, o que se tem na poesia **Il Contrasto** é uma transcrição do oral a partir da escrita do vulgar usado pelo poeta. O estudioso Cono Antonio Mangieri relata em seu **Il Contrasto di Cielo D'Alcamo (Proposta di Lettura)** que o poeta:

Usou vocábulos de diversos dialetos peninsulares para construir uma língua oponível aquele siciliano literário (siciliano ilustre) imposto pela *Magma Curia*<sup>17</sup> aos rimadores do reino siciliano (MANGIERI, 2003, p. 4, tradução minha)<sup>18</sup>.

Mangieri (2003) confirma que D'Alcamo mesclou o vulgar siciliano com outros vulgares ou dialetos peninsulares, por esse motivo, não usou o vulgar ilustre, mas valorizou o vulgar siciliano falado com a inserção e variação de palavras que vinham de outros locais do reino da Sicília, como Calábria, Apúlia e etc. O teórico conclui seu texto afirmando que a opção de não escolher o vulgar ilustre remete à descrição da miscigenação linguística na sociedade siciliana. Todavia Monteverdi se opõe à hipótese de Mangieri, alegando que Cielo buscava criar uma *nova koiné* que pudesse contrapor à *Magma Curia* de Frederico II (MANGIERI, 2003, p. 10). Sobre a produção de Cielo D'Alcamo, considerando as teorias apresentadas por Guisan (2009), Constans (2004), pela crítica literária de Alighieri (1997), por Mangieri (2003), fica comprovado que a literatura italiana possui uma ramificação popular no seu nascimento, apesar de ter na sua essência o erudito ou a busca pelo erudito. O exemplo da busca pela alta literatura está nas poesias de Giacomo da Lentini, criador do soneto. Suas poesias seguem o padrão estabelecido pelo tribunal literário do imperador Frederico II, que tinha as literaturas greco-romana e árabe como base para a produção literária da *Scuola Siciliana*.

---

<sup>17</sup>*Magma Curia* era o tribunal representado por figuras jurídicas e magistrados, porém presidido pelo próprio Frederico II. Havia uma jurisdição literária no grupo de poetas e homens de cultura, sicilianos ou provenientes de outras regiões do reino. Um dos magistrados foi Pier della Vigne.

<sup>18</sup> ... *Cielo avesse utilizzato a bella posta vocaboli di diversi dialetti peninsulari, per costruire una lingua opponibile a quella siciliana letteraria ('siciliano illustre') imposta dalla Magma Curia ai rimatori del Regno Svevo* (MANGIERI, 2003, p. 4).

O poeta siciliano Cielo D'Alcamo, além de ser um poeta e dramaturgo do reinado de Frederico II, era um *giullare*, palavra derivada do latim *iocus*, que significa jogo. A figura do *giullare*, no Século XIII, se modificou em relação aos séculos anteriores, pois era a figura que entretinha a elite, a corte, e ao povo, porém Le Goff descreve a possibilidade do *giullare* ser visto de forma positiva ou negativa, já que dependia de suas ações, como por exemplo, fazer alguma brincadeira ou jogo que ferisse a honra de determinado cidadão ou o riso, ato recriminado pelo Vaticano até o Século XII por ser diabólico, uma vez que o Clero alegava a incorporação do satanás no corpo do homem:

O *giullare* é em qualquer medida a figura da dupla natureza do homem criado por Deus, mas depois caiu no pecado original. Os seus pensamentos e as suas ações podem, portanto, inclinar para o caminho do bem ou para o caminho do mal, e manifestar a sua natureza de filho de Deus, criado a sua imagem ou do pecador manipulado pelo demônio. Pode ser o *giullare* de Deus ou o *giullare* do diabo (LE GOFF, 2016, p. 123, tradução minha)<sup>19</sup>.

A partir da citação de Le Goff, percebe-se a forma que a sociedade medieval enxergara o *giullare*, sempre com aspectos negativos e muitas vezes excluía-se os aspectos positivos, principalmente pela função desempenhada de entreter as pessoas. A crítica literária de Amari (1854) defende que Cielo D'Alcamo era um típico poeta siciliano que transitava entre o popular e a alta literatura, a corte, por isso, fora considerado o precursor da ascensão literária italiana, ascendendo da origem popular à literatura de corte. Em contrapartida, a teoria elaborada por Constans (2004) classifica D'Alcamo como um poeta médio, em razão dele transitar pelos dois polos literários, o popular e a alta literatura. Sabe-se que ele escolheu estar mais próximo da literatura popular que da chamada alta literatura, todavia Mangieri diz “...porquê o autor [D'Alcamo] não deveria ser um *giullare*, mas sim um estudante da *Scuola Medica Salernitana*<sup>20</sup>” (MANGIERI, 2003, p. 4)<sup>21</sup>. O teórico descreve o poeta siciliano como

---

<sup>19</sup>Il *giullare* è in qualche misura l'illustrazione della duplice natura dell'uomo, creato da Dio ma decaduto dopo il peccato originale. I suoi pensieri e le sue azioni possono dunque inclinare verso il bene o verso il male, manifestare la sua natura di figlio di Dio, creato a sua immagine, o di peccatore manipolato dal demonio; può essere *giullare* di Dio o *giullare* del diavolo (LE GOFF, 2016, p. 123).

<sup>20</sup> Primeira faculdade de medicina da Europa. A *Scuola Medica Salernitana* foi fundada no Século IX, de acordo com Edoardo D'Angelo (2005, p. 1). A partir do Século XI, a faculdade tornou-se um local de intercâmbio cultural com a inserção dos médicos e tradutores árabes, judeus e gregos. A importância da *Scuola Medica Salernitana* para o Renascimento e o Humanismo é de grande relevância, pois, foi nesta instituição que Leonardo Da Vinci aprendeu anatomia (dissecar corpos) com os médicos árabes e judeus, assim como, Avicenna,

um artista popular, porém com um alto grau de instrução: primeiro pela possibilidade em ser um estudante de medicina; segundo por estar em uma instituição italiana de longa tradição de médicos árabes, judeus e gregos; e terceiro pela própria instituição se transformar em um local de tradução dos tratados médicos árabes e de textos literários da literatura árabe clássica. O estudo de Mangieri (2003) abre a possibilidade de D'Alcamo não ser um *giullare*, dado que grande parte dos teóricos italianos nega esta possibilidade e afirma que o poeta foi um *giullare*. Um ponto que chama atenção é que todos os poetas da *Scuola Siciliana* possuíam um alto grau de instrução, portanto, Amari (1854), Kantorowicz (1957) e Abulafia (2005) afirmam que os poetas foram funcionários do alto escalão do imperador Frederico II. Um exemplo que confirma essa afirmação é o de Giacomo da Lentini, tabelião de todo o reino da Sicília e grande poeta. Nesse contexto, levando em consideração o requisito da *Magma Curia* (alto grau de instrução), seria impossível Cielo se tornar um poeta da *Scuola Siciliana* e receber financiamento do imperador se ele não fosse diplomado ou instruído.

Retornando a figura do *giullare*, é através dos franciscanos que ocorre a mudança na forma da sociedade medieval enxergar esse poeta médio. O *giullare* modifica a forma de se comunicar, deixando a gesticulação<sup>22</sup>, o que classificara como um *giullare* satânico e passa a recitar, a usar a fala para que pudesse se expressar, o que o torna um *giullare* de palavras na teoria franciscana, de acordo com Le Goff:

No Século XIII, o *giullare* se torna um personagem realmente positivo. E ele se torna positivo sobretudo graças às ordens franciscanas. Isto é evidente no caso de São Francisco de Assis: mas nenhum deles, na Idade Média é declarado *giullare* de Deus. Todavia, ele precisa ser o *giullare* de palavras, isto significa evitar a gesticulação, mas considera a própria pregação pelo

---

Averroè, Constantino o Africano, Alíbn Abbas, al-Jazzar, Rhazes e Isaac Israeli Bem Solomon, todos eles são médicos que estudaram ou lecionaram na *Scuola Medica Salernitana* e contribuíram para a faculdade se tornar uma instituição de grande prestígio na Europa.

<sup>21</sup> ...perché l'autore non dovrebbe essere stato un *giullare*, bensì uno studente della *Scuola Medica Salernitana* (MANGIERI, 2003, p. 4).

<sup>22</sup> A gesticulação é uma forma tradicional de comunicação italiana que foi estereotipada pela mídia na atualidade. Inclusive acredita-se na possibilidade da gesticulação ter surgido na Idade Média por causa da falta de compreensão entre os povos habitantes da península itálica, decorrente das diversas etnias e das diferentes línguas e dialetos que são até hoje incompreensíveis entre os povos de diferentes regiões italianas, mas a partir da escolha do dialeto fiorentino a posição de língua nacional italiana, em 1866, tornou-se concreto à comunicação entre os italianos.



seu caráter narrativo e popular, exatamente semelhante ao mistério salvífico dos *giullari* (LE GOFF, 2016, p. 126-127, tradução minha)<sup>23</sup>.

É desta forma que o *giullare* ganhou uma nova conotação no Século XIII, principalmente por São Francisco de Assis ser um santo que sabia rir e fez do riso uma das suas expressões espirituais, o que fez com que os pecadores sentissem a sua santidade, de acordo com Le Goff (2016, p. 127). Finalizando as mudanças geradas neste século, o teórico Ramon Llull coloca o *giullare* em cena com mais versatilidade, o que determina a sua posição não apenas de um mero portador de entretenimento, mas um herói literário, assim como Reis (2019) cita em seus estudos o personagem Orlando de Boiardo<sup>24</sup>, um grande cavaleiro do Humanismo, no Século XV, que retorna as suas origens de um herói épico da Alta Idade Média. Le Goff deixa bem claro o posicionamento de Llull relação à figura *giullaresca*:

Os romances inspiradores do catalão Ramon Llull ao final do Século XIII, colocam em cena os *giullari* mais versáteis. O *giullare* não é mais o único portador de diversão, mas ele mesmo se torna o herói literário. Sobretudo, é verdade, sempre que o *giullare* se torna o trovador. (LE GOFF, 2016, p. 127, tradução minha)<sup>25</sup>.

O teórico Ramon Llull, já no Século XIII, iguala a condição dos *giullari* a condição heroica dos heróis na literatura. Os personagens postos como exemplos são os cavaleiros medievais do Século X ao XII, de acordo com os estudos de Reis (2017; 2018), onde esses heróis medievais tornaram-se épicos, ao exemplo de Orlando, da Canção de Orlando; Siegfried, da Canção dos Nibelungos e Tristão, do Romance de Tristão e Isolda. A partir dos estudos comparativos de Reis sobre os cavaleiros épicos na Idade Média, comprova-se o percurso percorrido pelos *giullari* para que pudessem alcançar a posição de herói, assim como

---

<sup>23</sup>*Nel secolo XIII il giullare diviene così un personaggio veramente positivo. E lo diviene soprattutto grazie agli ordini mendicanti. Cio è evidente nel caso di San Francesco d'Assisi: nessuno più di lui, nel Medioevo, si è dichiarato <<giullare di Dio>>. Tuttavia egli precisa di essere giullare <<di bocca>>, cioè di evitare la gesticolazione ma considera la propria predicazione, per il suo carattere narrativo e popolare, simile appunto al mestiere salvifico dei giullari (LE GOFF, 2016, p. 126-127).*

<sup>24</sup> O personagem Orlando refere-se ao cavaleiro épico Orlando da epopeia *Orlando Innamorato*, escrita no Século XV, obra do escritor italiano Matteo Maria Boiardo.

<sup>25</sup>*I romanzi edificante del catalano Ramon Llull, alla fine del XIII secolo, mettono in scena dei giullari più versatili. Il giullare non è più solo portatore di svago, ma diviene lui stesso eroe letterario. Soprattutto, è vero, allorché da giullare diventa menestrello (LE GOFF, 2016, p. 127).*

os herói das epopeias extrapolaram todas as irrealidades do mundo fantástico, alcançando a posição de heróis épicos:

No plano do maravilhoso o herói realiza as suas conquistas através das mais sangrentas batalhas e guerras que ao serem somadas a todos os feitos são vistos pela crítica como épico, entretanto o maravilhoso inclui elementos que não são comuns ao plano histórico, como os episódios fantásticos e a grandiloquência. (REIS, 2018, p. 21).

Adaptando a teoria de Reis ao contexto dos *giullari* na Sicília, podemos confirmar todo o percurso desse poeta médio igual aos heróis épicos, dado que eles extrapolaram todas as irrealidades mediante a mudança de contexto do riso, visto e condenado como o elo com satanás, contudo São Francisco de Assis, um personagem mítico, vai ajudar os *giullari* a superar todas as trajetórias do mundo fantástico, inclusive é a nova concepção sobre o riso do próprio São Francisco de Assis, que modificou o pensamento do Clero. Com a nova percepção e teoria do riso elaborado por São Francisco de Assis, mostrou-se a verdade sobre esse comportamento na Idade Média, modificando e comprovando a sociedade medieval que o riso pode ser uma expressão de felicidade e paz com Deus.

Como já dito anteriormente e retornando a poesia de *D'Alcamo*, o poeta/*giullare* descreve a sociedade medieval siciliana no Século XIII, como uma sociedade miscigenada, em que essa sociedade era composta de árabes, gregos, judeus, normandos, latinos e germânicos. A poesia **II Contrasto** usa o sarcasmo para descrever a tentativa de conquista do amante sobre a *fanciulla*<sup>26</sup> e descreve o dia-a-dia da sociedade em Palermo<sup>27</sup>. Utilizarei alguns fragmentos da poesia de Cielo D'Alcamo para comprovar a miscigenação e a relação amorosa entre os personagens e a forma que essa sociedade laica se comportava.

O fragmento 4 da poesia, a *fanciulla* recusa o Amante, alegando que ele deveria partir, pois os seus familiares poderiam fazer algo contra ele, já que não era Católico Apostólico Romano, e sim um judeu, considerando que a união do casal seria impossível apesar do Reino

---

<sup>26</sup>*Fanciulla* significa menina em língua italiana. O termo origina-se do latim *fantiolus-a*, suposto diminutivo na língua latina. Significa o período de pureza entre a infância a adolescência (PIANIGIANI, 1907, p. 504).

<sup>27</sup> Palermo Capital do Reino da Sicília e da atual região da Sicília. A cidade de Palermo foi fundada pelos árabes na dinastia Khalbiti, última dinastia a governar a Sicília antes da invasão e tomada da ilha pelo Conde Rogério de Altavilla.

da Sicília ser miscigenado. Havia um respeito e uma liberdade entre os católicos, judeus e muçulmanos, o que configura uma sociedade laica. 4 – *Maddona*<sup>28</sup>:

Que o nosso amor se una, não quero que me agrade:  
se aqui tu encontras meu pai com os meus outros familiares,  
tenha calma, que eles não te pegarão, pois, estes bons corredores  
mostra que é fácil para tu vir aqui  
te aconselho de estar atento na sua partida.  
(CONTRASTO, 1999, p. 3, tradução minha)<sup>29</sup>.

No fragmento 5, o Amante alega que caso ele seja acusado de ter relações conjugais com a *fanciulla*, ele fugirá para a cidade de Bari, na Apúlia, pedindo para ser exilado, posto que nesta época iniciou-se o exílio dos árabes muçulmanos para a cidade de *Lucera* e as cidades ao redor, na região da Apúlia. Para obter o exílio, ele alegaria diante do Imperador Frederico II do Sacro Império Romano-Germânico e Rei da Sicília que era muçulmano e gritaria em público, “Viva o Imperador pela graça de Deus”. Esse grito em público era a forma para que não houvesse punição para as etnias que não tivessem o catolicismo como o seu credo religioso. Kantorowicz (1957) relata, em seu livro **Frederick The Second 1194-1250**, as relações conjugais entre muçulmanos, judeus e católicos na Sicília, dando uma grande contribuição e provando a miscigenação nesse reino do Mediterrâneo. Amari (1854) aprofunda os estudos sobre a miscigenação, relembrando os abusos sexuais nos diversos períodos de invasões a Sicília, relatando o aumento do processo de miscigenação a partir desses atos extremamente negativos. É importante recordar que antes dos normandos, a Sicília fora um Emirado Árabe muçulmano e, por esse motivo, havia uma grande comunidade de muçulmanos e judeus que viviam na corte em Palermo. 5 – Amante:

Se os teus familiares me encontram, o que eles podem fazer comigo?  
nos coloco em defesa de duas mil augustali<sup>30</sup>:  
teu pai não me tocará, nem mesmo por quanta riqueza há a Bari.  
Viva o Imperador pela graça de Deus!  
Compreendes bela, o que eu dico?  
(CONTRASTO, 1999, p. 3, tradução minha)<sup>31</sup>.

<sup>28</sup>*Maddona* é a forma que o poeta *Cielo D'Alcamo* retrata a *fanciulla*.

<sup>29</sup>*Ke 'l nostro amore ajungasi, non boglio m'atalenti: se ti ci trova pàremo cogli altri miei parenti, guarda non t'ar[i]golgano questi forti cor[r]enti. Como ti seppe bona le venuta, consiglio che ti guardi a la partuta* (CONTRASTO, 1999, p. 3).

<sup>30</sup> Moeda do Reino da Sicília no Século XIII.

A forma sarcástica que D'Alcamo usa para descrever a sociedade e a forma com que ele se refere ao pai da *fanciulla* faz com que o poeta se distancie do modelo de poesia amorosa árabe e do *Minnesanger*<sup>32</sup>. Nos estudos sobre a poesia amorosa árabe, percebe-se que o poeta Cielo se afasta e rompe com o modelo amoroso utilizado por Giacomo Da Lentini, em que o homem vê a mulher como a sua amada, quase como um ser angelical. D'Alcamo rompe com esse modelo de poesia amorosa, sendo assim, ele não reproduz o modelo iniciado pelo poeta árabe-siciliano IbnHamdis. De acordo com os estudos de Bragança Júnior sobre a *Minnesanger*, não é possível interligarmos a poesia de Cielo D'Alcamo à lírica de amor alemã, já que a poesia lírica amorosa alemã é restrita aos romances de cavalaria e por termos uma sociedade siciliana laica, vista que essa sociedade apresentara o cristianismo, o judaísmo e o islamismo, abolindo a concepção medieval europeia de um reino católico ao norte ou muçulmano ao sul, em que o cavaleiro lutara para defender a donzela, a Igreja e os indefesos das três cruzadas realizadas contra os califados muçulmanos:

Os romances de cavalaria em médio-alto-alemão, a partir da segunda metade do século XII até o terceiro quarto da centúria posterior, são portadores de um estilo de pensar e de viver condizentes com a influência de motivos provençais, no que tange a lírica de amor – *Minnesang* – e do Norte da França, cujos tópicos centrais tratam da representação da nobreza em aventuras. (BRAGANÇA JÚNIOR, 2017, p. 33).

O Amante não se refere à dama como um homem cortês, mas um homem que deseja o corpo da mulher. Essa postura do personagem rompe com o código cortês que se baseia no código cavalheiresco<sup>33</sup>. Por fim, quando o Amante se refere ao pai da *fanciulla* como *pàdreto*, ele está chamando de papaizinho. Nota-se o deboche do poeta ao mencionar o patriarca da família, infligindo não apenas a tradição judaico-cristã, mas também a muçulmana, uma vez que são religiões possuidoras de uma forte tradição patriarcal. Apoiando-se na tradição

---

<sup>31</sup>*Se i tuoi parenti trova[n]mi, e che mi pozzon fare? Una difesa mè[t]oci di dumili' agostari: non mi toc[c]ara pàdreto per quanto avere ha 'n Bari. Viva lo mperadore, graz[i'] a Deo! Intendi, bella, quel che ti dico eo?* (CONTRASTO, 1993, p. 3).

<sup>32</sup>*Minnesanger* é a lírica amorosa alemã que surgiu no Século XII no Império Germânico e fora utilizada por Giacomo Da Lentini e os demais poetas da *Scuola Siciliana*.

<sup>33</sup>O código cavalheiresco foi instituído pela Igreja Católica Apostólica Romana por meio do poeta e trovador francês Chrétien de Troyes. Ele inspirou a criação de um código cavalheiresco através dos seus romances de cavalaria que se tornaram leis para todos os cavaleiros na Idade Média, partindo do princípio de respeito e defesa aos indefesos, as damas e ao Clero.

patriarcal das três maiores religiões é quase impossível cogitarmos a existência de miscigenação na Idade Média, mas com a fundação do primeiro Estado laico na Europa permitiu a miscigenação em maior número durante a permissão jurídica de Frederico II.

No fragmento 26, a *fanciulla* faz uma menção religiosa em nome do Pai, do Filho e de São Matheus, uma referência direta a Deus e a Jesus Cristo, porém o poeta Cielo substitui a Santíssima Trindade por São Matheus, não fazendo referência a Deus como as três pessoas, como é mencionado no cristianismo a partir da Bíblia de Jerusalém. Mais uma vez comprova-se que a sociedade siciliana, no Século XIII, era miscigenada e laica. Aprofundando os estudos no fragmento 26, a *fanciulla* duvida da religiosidade do Amante, dizendo que se ele não é um herético, ele é um filho de judeu. Essa referência da *fanciulla* na poesia refuta a hipótese de Kantorowicz (1957), na qual o teórico alega que essa sociedade havia matrimônio entre pessoas de credos diferentes, mas na verdade a poesia **II Contrasto** comprova que houvera uma restrição a matrimônio entre pessoas de diferentes credos, segundo uma doutrina religiosa e uma contestação dessas religiões a unir-se e a manchar o nome da família, apesar da convivência harmônica concebida pelo monarca Frederico II. 26 – *Maddona*:

Me marca no nome do Pai, do Filho e naquele de São Matheus:  
sei que não sabes herege ou judeu,  
e essa palavra aqui não as escutaste dizer.  
Se a mulher morreu em tudo e por tudo  
Nos perde o sabor e o prazer.  
(CONTRASTO, 1999, p. 6, tradução minha)<sup>34</sup>

De acordo com os estudos de Kantorowicz (1957), a sociedade siciliana era miscigenada, contudo, o reino da Sicília contemplava as regiões da Sicília, da Campânia, da Apúlia, da Calábria, de *Abruzzo*, de *Molise*, da *Basilicata*, da Sardenha e as ilhas de Malta e de Gozo, onde eram compostas por árabes, gregos, normandos, germânicos, judeus e latinos. O rei Frederico II permitia o livre convívio dos povos, em que houvera a presença em harmoniadas três grandes religiões abraâmicas: cristianismo, judaísmo e islamismo. Kantorowicz (1957) cita: “Com ele, a mistura de raças siciliana começa a ser uma pessoa com

---

<sup>34</sup>*Segnomi in Patre e 'Figlio ed i[n] santo Mat[t]eo: so ca non se' tu retico [o] figlio di giudeo, e cotale parabile, non udi' dire anch'eo. Morta si [è] la femina a lo ntutto, pèrdeci lo saboro e lo disdotto*(CONTRASTO, 1999, p. 6).

sua própria história” (1957, p. 290)<sup>35</sup>. A partir da citação do teórico Kantorowicz, constata-se uma sociedade altamente miscigenada, diferentemente dos demais reinos na Idade Média, quando não havia uma miscigenação tão ampla com diferentes etnias, que agregassem também as três maiores religiões monoteístas dentro de um mesmo espaço territorial. A melhor comparação entre miscigenação de reinos ou territórios na Idade Média é entre o Reino da Sicília com os reinos árabes e cristãos na Península Ibérica, em razão dos reinos desta península serem tão miscigenados quanto o Reino da Sicília. Não havia o convívio harmônico entre as diferentes etnias na Península Ibérica, pois os árabes-berbere estavam em guerra com os ibéricos<sup>36</sup>, e os judeus transitavam entre esses dois reinos, entretanto estavam em difíceis condições diplomáticas, posto que, em determinados períodos históricos, os judeus foram perseguidos pelos cristãos na Península Ibérica e se refugiaram nos reinos muçulmanos ao sul desta península. Outro dado importante em comparação ao Reino da Sicília com os reinos da Península Ibérica era que ao final da guerra santa, a etnia que fosse derrotada era feita de escrava, diferente da Sicília, em que as diferentes etnias que compuseram a identidade siciliana viviam harmonicamente no reinado de Frederico II.

Retornando a poesia **II Contrasto** de Cielo D’Alcamo, é visível a miscigenação étnica na poesia, ainda assim a poesia de D’Alcamo é a prova mais contundente da existência desse reino miscigenado ao sul da Península Itálica e Kantorowicz e apoiou na literatura italiana para que pudesse comprovar os seus estudos sobre o reino de Frederico II. Os estudos de Dalla Bona e Barni (2016) vão comprovar que a literatura é a marca mais importante na sociedade e na historiografia siciliana, é inclusive a partir dessa marca literária portadora de uma miscigenação árabe-normanda e greco-romana que a história se mantém do Século XIII, do nascimento da literatura italiana até os dias atuais, em função dessa memória coletiva que mantém toda a tradição de origem siciliana viva. Nas palavras de Dalla Bona e Barni:

A literatura siciliana desempenhou um papel importante na fundação da identidade local e na reabilitação de sua cultura; além de contribuir significativamente para o prestígio da literatura italiana, ela também colaborou ativamente na criação de uma memória coletiva, além de influenciar consideravelmente na identificação daquelas características consideradas tipicamente sicilianas. (DALLA BONA E BARNI, 2016, p. 159-160).

---

<sup>35</sup>*with him the Sicilian race-mixture begins to be a people with a history of its own (1957, p. 290).*

<sup>36</sup>Ibéricos: Espanhóis e Portugueses.

Os estudos de Dalla Bona e Barni ratificam a importância da literatura como uma memória coletiva, e retornando aos estudos de Guisan (2009) e Constans (2004), é possível analisarmos o trajeto realizado por Cielo D'Alcamo e Frederico II na *Letteratura Volgare*, pois a literatura italiana inicia a partir da oralidade, na teoria de Guisan, a chamada *oratura*, e na teoria de Constans, a oralidade é o nascimento da literatura popular antiga, chamada de paraliteratura, melhor dizendo, é através da memória coletiva, que a literatura italiana tem sua origem na oralidade e junto a transformação do oral para o escrito. A partir da *nova koiné*, ocorreu a elevação do dialeto siciliano à língua de corte, o que possibilitou à escrita se transformar na grande conservadora da literatura e da história, de acordo com Guisan (2009), dado que, sem a escrita, a poesia de forma geral poderia ser esquecida, mas Dalla Bona e Barni nos confirmam e recordam o quanto a literatura siciliana está na contra mão por motivo dessa literatura conservar o seu passado e a sua história fundamentado pela oralidade ou *oratura* como nomeia Guisan. A oralidade/memória está atrelada à escrita, e autores como Luigi Pirandello, Andrea Camilleri e Leonardo Sciascia vão manter essa tradição literária iniciada pela *Scuola Siciliana*, mas porta uma herança árabe-normanda e greco-romana.

## Conclusão

Desde o Século IX, com a primeira colônia árabe na Sicília a partir da tomada de Siracusa, modificou-se todo o processo histórico, cultural e literário. As contribuições árabes à Sicília e à Itália são visíveis até hoje. As suas marcas literárias a partir do poeta árabe-siciliano IbnHamdis passaram aos poetas sicilianos, mas Cielo D'Alcamo decidiu romper com a marca da poesia amorosa, oriunda da literatura árabe clássica e da lírica amorosa alemã, a chamada *Minnesanger*. Com isso, D'Alcamo inova na língua e na forma de compor poesias no Século XIII. Nesse exato momento, ele descreve a sociedade siciliana a partir da sua poesia **II Contrasto** e registra o quanto a sociedade do reino da Sicília fora miscigenada para a época e é para a atualidade, já que essa sociedade fora formada por miscigenação de diversas etnias: gregos, árabes, judeus, normandos, latinos e germânicos, e quanto o rei Frederico II fora clemente ao seu povo, principalmente por permitir o estabelecimento do primeiro Estado laico da Europa.

O sarcasmo na poesia **II Contrasto**, composta por D'Alcamo, dá uma verdadeira contribuição e comprovação às teorias de Amari, Kantorowicz, Guisan, Constans e Dalla Bona e Barni, dado que além do poeta siciliano jogar com a questão amorosa, religiosa e social através do sarcasmo, Cielo preserva a memória como a marca mais forte dessa sicilianidade, herança dos gregos, dos árabes, dos judeus, dos normandos, dos latinos e dos germânicos, na qual remetem a origem da literatura italiana como uma literatura oral, *oratura*, literatura antiga ou paraliteratura, formas nomeadas pelos teóricos apresentados no artigo. Essa memória remete à origem literária da *Scuola Siciliana* e ao progresso a partir da ascensão a língua de corte por D'Alcamo e Frederico II.

O presente estudo visa a contribuir e a comprovar o quanto os dois séculos de colonização árabe e mais um século como cidadãos do reino da Sicília, governado pelas dinastias de Altavilla e deHohenstaufen, foram importantes para o nascimento da literatura nacional italiana com a suas contribuições que se mantem até hoje como marcas literárias, além da importância dessa cultura junto as demais culturas que ajudaram a criar uma identidade tipicamente siciliana e uma autonomia literária a Itália.

## Referências

ABULAFIA, David. **Ebrei**. Enciclopedia Treccani. Roma, 2005, p. 1-12. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/ebrei\\_%28Federiciana%29/](https://www.treccani.it/enciclopedia/ebrei_%28Federiciana%29/). Acesso em: 04 ago. 2019.

ALIGHIERI, Dante. **De Vulgari Eloquentia**. A cura di Aristide Marigo. Firenze: F. Le Monnier, 1997.

AMARI, Michele. **Storia dei Musulmani di Sicilia**/scritta da Michele Amari – Firenze: F. Le Monnier – Volume 1, LVI, 536p, 1854.

AMARI, Michele. **Storia dei Musulmani di Sicilia**/scritta da Michele Amari – Firenze: F. Le Monnier – Volume 2, LVII, 561p, 1858.

AMARI, Michele. **Storia dei Musulmani di Sicilia**/scritta da Michele Amari – Firenze: F. Le Monnier – Volume 3, parte 1, LVIII, 344p, 1868.

AMARI, Michele. **Storia dei Musulmani di Sicilia**/scritta da Michele Amari – Firenze: F. Le Monnier – Volume 3, parte 2, LVIII, 976p, 1872.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 13. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2019.



BONA, F.D; BARNI, R. Em busca de um ethos siciliano. **Itinerários**. Araraquara: Unesp. v. 1. n. 43, p. 155-176, jul./dez. 2016.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. A cavalaria na Idade Média – Entre a guerra e a civilização. In: ZIERER, Adriana e BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo (Orgs). **Cavalaria e Nobreza: Entre a História e a Literatura**. Maringá-PR: Eduem, 2017.

CONSTANS, Ellen. **Le roman populaire, définition et histoire de quelques questions théoriques et pratiques sur le roman populaire**. L'équipe "Littératures et Expressions populaires" du CIEREC de l'Université Jean Monnet avait envisagé le Project d'un dictionnaire du roman populaire. Université Jean Monnet, 2004. Disponível em: <[https://dalspace.library.dal.ca/bitstream/handle/10222/47772/08\\_02\\_consta\\_popula\\_fr\\_c ont.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://dalspace.library.dal.ca/bitstream/handle/10222/47772/08_02_consta_popula_fr_c ont.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 23 mar. 2020.

D'ALCAMO, Cielo. **Il Contrasto**. Poesia Italiana del Duecento. A cura di Piero Cudini. Milano: Garzanti, 1999.

D'ANGELO, Edoardo. **Scuola Medica Salernitana**. Enciclopedia Treccani. Roma, 2005, p. 1-11. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/scuola-medica-salernitana\\_\(Federiciana\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/scuola-medica-salernitana_(Federiciana)/). Acesso em: 20 nov. 2020.

DE MAURO, Tulio. **Storia Linguistica Dell'Italia Unita**. Roma-Bari: Laterza, 1991.

DE SANCTIS, Francesco. **Storia Della Letteratura Italiana**. Milano: Editore Bur, 2015.

GUISAN, Pierre. Língua: A ambiguidade do conceito – Das ambiguidades, das suas dimensões e das novas perspectivas. In: BARRETO, Mônica Maria Guimarães e SALGADO, Ana Claudia Peters (Orgs). **Sociolinguística no Brasil: Uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Homenagem ao Professor Jurgen Heye. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

KANTOROWICZ, Ernest. **Frederick The Second 1194-1250**. New York: Frederick Ungar Publishing Company, 1957.

LE GOFF, Jacques. Il Giullare. In: LE GOFF, Jacques. **Eroi e Meraviglie Del Medioevo**. Roma-Bari: Editori Laterza, 2016.

MANGIERI, Cono Antonio. Il Contrasto di Cielo D'Alcamo. Proposta di Lettura. In: **Critica Letteraria**. Napoli, Loffredo Editore. Anno XXXI, Fascicolo 1, n. 118-2003, p. 3-62, 2003.

PIANIGIANI, Ottorino. **Vocabolario Etimologico Della Lingua Italiana**. Roma-Milano: Società Editrice Dante Alighieri, 1907.

REIS, Rafael Vidal dos. **As características, funções e indícios que evidenciam a construção do protagonista no poema Orlando Innamorato**. 2018. Monografia

(Licenciatura em Letras: Português e Italiano) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

REIS, Rafael Vidal dos. A figura dos heróis nas epopeias medievais. In: ANDRARE JÚNIOR, Antonio Francisco de; BONA, Fabiano Dalla et al.(Orgs). **Anais do XVII Colóquio de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras Neolatinas/Colóquio de do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2017. 620f. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1oNeNp7zHB\\_3f\\_Nl9Fw-0XWCApXCsbGr-/view](https://drive.google.com/file/d/1oNeNp7zHB_3f_Nl9Fw-0XWCApXCsbGr-/view)>. Acesso em: 03 fev. 2020.

REIS, Rafael Vidal dos. As marcas (bio)gráficas de Boiardo no protagonista de Orlando Innamorato. In: JORGE, Wellington Junior (Org). **Novos olhares para a linguística e literatura** [recurso eletrônico]. Maringá-PR: Uniedusul, 2019. Disponível em: <<https://www.uniedusul.com.br/publicacao/novos-olhares-para-linguistica-e-literatura/>>. Acesso em: 02 jan. 2020.